

UMA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA PARA O SÉCULO XXI

A LITERARY HISTORIOGRAPHY FOR THE TWENTY-FIRST CENTURY

Francisco Zaragoza Zaldívar 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

Resenha de: Cordiviola, Alfredo; Olmos, Ana Cecilia; Palmero González, Elena; Gárate, Miriam. *Temas para uma história da literatura hispano-americana*. Volumes I-V. Porto Alegre: Letra1, 2022-2025.

Temas para uma história da literatura hispano-americana é o título da mais ambiciosa publicação de historiografia literária lançada na América Latina, no último quinquênio. Trata-se de uma obra coletiva, estruturada em cinco volumes, o primeiro dos quais saiu do prelo em 2022, e o último em 2025, todos sob o selo da editora Letra1, do Rio Grande do Sul, no Brasil.

Organizada pelos professores Alfredo Cordiviola, Ana Cecilia Olmos, Elena Palmero González e Miriam Gárate, a coleção destina-se ao público acadêmico brasileiro: aos alunos dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras, assim como aos professores e pesquisadores da área. Por essa razão os textos estão escritos em português do Brasil ou foram traduzidos para essa língua.

O projeto surge dos trabalhos do grupo de pesquisa *Estudos Literários Interamericanos e Transatlânticos*, cadastrado no CNPq em 2013, coordenado por Palmero González (UFRJ) e Olmos (USP) e integrado inicialmente por professores da USP e da UFRJ, sendo que, nos anos seguintes, se uniram ao grupo pesquisadores da UNICAMP, UFPE, UFF, UFPR, UNILA, UFMG, UEPB e da PUC-São Paulo. A obra, resultado de um quadriênio de trabalho do grupo, desenvolve nove linhas temáticas distribuídas nos cinco volumes: “Inflexões da narração” e “Variações do deslocamento” (vol. I); “Inscrições do sujeito” e “Redes do literário” (vol. II); “Irrupções das margens” e “Modos da poesia” (vol. III); “Interpelações da diversidade” e “Releituras críticas” (vol. IV); “Linguagens, suportes e meios: interseções” (vol. V). Participaram,

desse resultado, pesquisadores membros do grupo e, ainda, pesquisadores convidados, de diversas universidades brasileiras¹ e estrangeiras².

A coleção assume uma posição metodológica explícita. Os organizadores evocam a profunda transformação que viveu a historiografia literária nas últimas décadas do século XX, mencionando o impacto da Nova história e os avanços qualitativos da Micro-história, como marcos que tornaram obsoletos os paradigmas da história-narrativa. A substituição da história-narrativa pela história-problema —para empregar a fórmula que Peter Burke (1992) popularizou ao descrever o legado dos *Annales*— opera como princípio estruturante de todo o conjunto. *Temas para uma história da literatura hispano-americana* não narra o devir cronológico da literatura hispano-americana, formula problemas e os desdobra transversalmente, em cortes que atravessam épocas e geografias. Esse gesto afasta o projeto de uma visão hegeliana de desenvolvimento causal, como os próprios organizadores fazem questão de sublinhar, e o distancia de três de seus antecedentes no meio acadêmico brasileiro —as histórias da literatura hispano-americana de Manuel Bandeira, de João Francisco Ferreira e de Bella Jozef—, ancoradas em modelos historiográficos de cunho mais tradicional.

Os organizadores explicitam que inscrevem sua proposta numa genealogia que tem como marco fundamental *América Latina: palavra, literatura e cultura*, a obra coordenada por Ana Pizarro e publicada entre 1993 e 1995 pelo Memorial América Latina e a UNICAMP, fruto das reflexões historiográficas que intelectuais da estatura de Antonio Cornejo Polar, Ángel Rama e Antonio Candido levaram adiante na década de 1980. Desse legado, *Temas para uma história da literatura hispano-americana* herda, sobretudo, a noção de heterogeneidade como princípio reitor do processo literário latino-americano: a convicção de que nossos sistemas culturais

1 Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Universidade Federal de Pernambuco; Universidade Federal Rural de Pernambuco; Universidade Estadual da Paraíba; Universidade Federal da Bahia; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Federal Fluminense; Universidade de São Paulo; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Universidade Federal de São Carlos; Universidade Estadual de Campinas; Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade Federal do Alfenas; Universidade Federal de Mato Grosso; Universidade Federal do Paraná; Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal da Integração Latino Americana.

2 Yale University (Connecticut, EUA); University of Pittsburgh (Pensilvânia, EUA); University of California (Califórnia, EUA); University of Notre Dame (Indiana, EUA); Emory University (Atlanta, EUA); Washington University in St. Louis (Missouri, EUA); St. Mary's University (Texas, EUA); Vanderbilt University (Tennessee, EUA); Universidad Nacional Autónoma de México (México); Universidad Autónoma de México- Xochimilco (México); Universidade Nacional Mayor de San Marcos (Peru); Pontifícia Universidad Católica de Peru (Peru); Universidad de la República (Uruguay); Universidade de Buenos Aires (Argentina); Universidade Nacional de La Plata (Argentina); Universidad Nacional de Córdoba (Argentina); Universidade Nacional de Rosario (Argentina); Universidade Nacional del Comahue (Argentina); Pontifícia Universidad Católica (Argentina); Universidade de Málaga (Espanha) e Universidade de Barcelona (Espanha).

operam em temporalidades múltiplas, com densidades diversas e em relações frequentemente contraditórias. A coleção não se limita, contudo, a prolongar marcos teóricos consagrados. Ao incorporar a noção de transrealidade de Ottmar Ette (2016, 2018) — com sua perspectiva polilógica, sua poética do movimento e sua aposta por uma “prática científica nômade” que pense os fenômenos literários em escala planetária sem reduzi-los a uma lógica única —, o projeto atualiza aqueles pressupostos à luz das dinâmicas culturais do século XXI. Convém observar que a proposta de Ette constitui, em certa medida, uma apropriação seletiva da perspectiva relacional e da escala global que Braudel, Wallerstein e Arrighi elaboraram para a história econômica sob as noções de economia-mundo e sistema-mundo, transposta agora para o campo da historiografia literária. Preserva-se a visão relacional e a escala, mas a lógica da hegemonia e dos ciclos de acumulação cede lugar a uma lógica do movimento e das “literaturas sem morada fixa”. Não é casual que os próprios organizadores formulem seu programa em termos explicitamente afins: pensar os sistemas literários a partir de relações transculturais, transliterárias, translinguísticas e transnacionais, privilegiando uma visão transversal que facilite o reconhecimento dos movimentos entre culturas, entre línguas, entre saberes e discursos, entre linguagens e suportes.

Essa orientação teórica traduz-se, como costuma ocorrer com cada nova história literária que se publica, em uma ampliação do *corpus* e, conseqüentemente, em uma reconfiguração do cânone. Os organizadores declaram essa direção, ao assinalar que seu projeto se abre a questões elididas em estudos precedentes por razões óbvias de cronologia, a saber: a produção literária de base oral e performática que cresce nos subúrbios dos centros metropolitanos da América Latina; as novas formas de produção literária que circulam em suportes digitais ou se inscrevem nos muros da cidade, no corpo, nos transportes; as formas estéticas expressivas da biculturalidade que resultam da permeabilidade das fronteiras ou dos deslocamentos contemporâneos; as estéticas radicantes, que escapam dos paradigmas de representação, origem e identidade; as formas híbridas e inclassificáveis da literatura. A coleção, assim, não apenas relê o passado a partir de novas categorias, mas também incorpora, ao arquivo historiográfico, objetos que até há pouco não tinham lugar nesse registro.

A organização do material no sumário de cada tomo corresponde a uma trama de leitura que os organizadores desejam compartilhar com o público. Contudo, reconhecem que cada leitor pode traçar sua própria cartografia, suas próprias conexões e tramas. Assim, e em consonância com o espírito borgeano que reivindica algumas das poéticas abordadas nos cinco volumes, poder-se-ia qualificar tal proposta como “historiografia ergódica” ou “história literária hipertextual”, e não há dúvidas de que o público agradecerá que,

num futuro não muito distante, a coleção estivesse disponível na internet como hipertexto, de modo que, ao usuário, fosse mais fácil interagir com os livros e traçar os percursos que lhe apetecessem.

Além disso, a coleção permite entrever o entramado institucional que a sustenta: uma rede de relações que o sociólogo da ciência Derek de Solla Price (1963) teria reconhecido como um “colégio invisível”. O projeto gravita em torno de quatro polos universitários —a UFPE de Recife, a USP de São Paulo, a UFRJ do Rio de Janeiro e a UNICAMP de Campinas—, cada um encabeçado por um dos organizadores. No polo recifense, Cordiviola, diretor do grupo de Estudos Coloniais Latino-Americanos, formou uma geração de pesquisadores e docentes universitários que participam da coleção. Esses investigadores ilustram uma dinâmica em que as relações de formação doutoral prolongam-se em colaborações editoriais. No polo carioca, Palmero González, editora-chefe da revista *Alea: Estudos Neolatinos*, tem desdobrado um capital relacional transnacional que explica a presença na coleção de reconhecidos pesquisadores latino-americanistas de universidades norte-americanas, como Roberto González Echevarría e Rolena Adorno, da Yale University, Héctor Calderón, da University of California ou de William Luis, da Vanderbilt University. De São Paulo, Olmos e, de Campinas, Gárate têm tecido vínculos com os outros pesquisadores por meio de bancas doutorais e publicações conjuntas, além de manterem redes de comunicação com universidades da Argentina, do México, do Peru ou do Equador. Tal dinâmica inscreve o projeto numa tradição latino-americana de empreendimentos coletivos — desde a Biblioteca Ayacucho até a própria obra de Pizarro — nos quais a dimensão reticular do trabalho intelectual foi sempre condição de possibilidade para a produção de conhecimento renovador.

O primeiro volume reúne dezenove textos organizados em torno de duas linhas temáticas. “Inflexões da narração” explora categorias teórico-críticas que propuseram horizontes interpretativos fecundos para a narrativa hispano-americana: a crítica social na Nova Espanha e suas crônicas e sátiras; a imbricação do histórico e do político no romance da cidade letrada; a criação de um passado para as nações recém-surgidas; as aproximações abertas pelo fantástico, pelo estranho, pela ficção científica, pelo maravilhoso e pelo realismo mágico; a transição do paradigma modernista ao das vanguardas e ao romance do século XX; a narrativa recente, desde o testemunho revolucionário até a problematização da violência contemporânea; o neopolicial e a literatura sob o prisma de gênero. Os três últimos capítulos dessa linha são dedicados às formas breves, ao aforismo, à greguería e ao ensaio. Merece destaque, a propósito das formas breves, o capítulo assinado por Ana Cecilia Olmos, que traça um arco de Borges a Monterroso, de Macedonio a Elizondo e Libertella, mostrando como a brevidade e o fragmento não foram traços estilísticos

dispersos, mas uma poética compartilhada que acabou por constituir uma tradição, onde antes não havia. O caso ilustra uma dinâmica que Ricardo Piglia soube formular com nitidez: as poéticas autorais acabam por reconfigurar o discurso historiográfico. Que essa tradição ocupe hoje um capítulo num volume de historiografia literária confirma que a história literária é, em alguma medida, um efeito diferido das poéticas que pretende descrever. Outro mérito indiscutível do volume é o trabalho de Theresa Katarina Bachmann sobre a tradição satírica novo-hispana, que resgata para o público do século XXI um texto inédito, as “Ordenanzas del Baratillo”, sátira em prosa que retrata o submundo do mercado popular da Cidade do México durante o vice-reinado, de modo que a coleção demonstra, assim, que o arquivo colonial hispano-americano segue propiciando achados.

A segunda linha, “Variações do deslocamento”, cartografa um amplo espectro de deslocamentos culturais e suas hibridações ao longo do tempo, desde as crônicas de missionários e povos conquistados até as comunidades diaspóricas contemporâneas nos Estados Unidos, passando pela tradição do exílio, pela extraterritorialidade proposta por Steiner e pelas escritas translíngues. Dentro dessa linha, o capítulo de Antonio Calvo Maturana sobre as redes planetárias do primeiro intercâmbio global do saber materializa, de forma concreta, o enfoque transareal exposto na introdução da coleção. Partindo da cartografia colombina e do texto de Marco Polo, reconstrói as redes de circulação de conhecimento entre América, Europa e Ásia Oriental desde o século XV, demonstrando que o que hoje chamamos de globalização tem antecedentes de longa duração que a historiografia literária não pode ignorar. Encerra essa linha o capítulo de Elena Palmero González sobre escritas translíngues e comunidades diaspóricas hispano-americanas, que constitui talvez a peça em que confluem com maior nitidez os pressupostos teóricos do projeto: a noção de “literatura sem morada fixa”, a poética do movimento, a dissolução da unidade linguística nacional como critério de pertencimento literário. Ao examinar escritores que operam entre o espanhol e o inglês, Palmero González demonstra que, há tempos, a comunidade literária hispano-americana transborda as fronteiras da língua e do território, e que qualquer historiografia que aspire a dar conta desse processo precisa das ferramentas conceituais que a coleção reivindica.

O segundo volume, dedicado a “Inscrições do sujeito” e “Redes do literário”, percorre as escritas autobiográficas desde os diários coloniais até as autofigurações contemporâneas e historiciza as infraestruturas da cultura letrada: projetos editoriais, práticas de tradução e redes de sociabilidade literária.

O terceiro divide-se em “Irrupções das margens” e “Modos da poesia”: as lógicas de exclusão social, inscritas na literatura desde os títulos primordiais coloniais até as cosmovisões indígenas, e um leque poético que vai dos neobarrocos e do Poetry Slam à poesia digital e à escrita da maternidade.

O quarto, organizado em “Interpelações da diversidade” e “Releituras críticas”, aborda as escritas de mulheres desde a Colônia até hoje, assim como as textualidades queer, ao tempo em que também revisita os grandes debates intelectuais do continente —da polêmica Las Casas/Sepúlveda ao ensaio de Henríquez Ureña e às teorias decoloniais, oferecendo releituras e reinterpretações conceituais que marcam a história literária e cultural hispano-americana.

O quinto, “Linguagens, suportes e meios: interseções”, dá o salto rumo às zonas de contato entre a letra e outras materialidades: teatro, performance, artes visuais, tecnologias digitais e criação comunitária, com figuras como Cecilia Vicuña e Regina José Galindo.

Temas para uma história da literatura hispano-americana preenche um vazio de mais de três décadas na produção historiográfica brasileira sobre o objeto de estudo de nossa disciplina e o faz com um aparato teórico-metodológico à altura das exigências contemporâneas. Por sua amplitude de perspectivas, a solidez de suas contribuições e a coerência de sua arquitetura conceitual, a coleção está destinada a tornar-se obra de consulta obrigatória para o ensino e a pesquisa da literatura hispano-americana nas universidades do Brasil. Não obstante, cabe assinalar que a decisão de publicar todos os textos em português, compreensível dado o público ao qual se destina, restringe, inevitavelmente, a sua circulação no restante da América Latina e no hispanismo internacional. Uma futura tradução ao espanhol e ao inglês ampliaria consideravelmente o alcance de um empreendimento que, pela envergadura de seus propósitos, merece interlocutores para além das fronteiras linguísticas do Brasil. Auguramos-lhe longa vida e ampla circulação.

Referências

- BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CORDIVIOLA, Alfredo *et al.* (org.). Temas para uma história da literatura hispano-americana. Porto Alegre: Letra1, 2022-2025. 5 v.
- ETTE, Ottmar. Escrever entre mundos: literaturas sem morada fixa. Trad. de Rosani K. Umbach, Dionei Mathias e Teruco Arimoto Spengler. Curitiba: Editora UFPR, 2018.
- ETTE, Ottmar. Pensar o futuro: a poética do movimento nos Estudos de Transárea. In: Alea: Estudos Neolatinos, Vol.18, N. 2, 2016, pp.192- 209.
- PIZARRO, Ana (org.). América Latina: palavra, literatura e cultura. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1993-1995. 3 v.
- PRICE, Derek J. de Solla. Little Science, Big Science. New York: Columbia University Press, 1963.

Francisco Zaragoza Zaldívar. Professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Formado em Letras pela Universidade de Havana (1995), tem Doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana pela Universidade de São Paulo (2005) e realizou estágio de Pós-doutorado na Universidade de São Paulo (2016-2017). Escritor de ficção, crítico e tradutor. Tem experiência na área de Letras, com ênfase nas Literaturas Hispano-Americana e Espanhola, assim como no ensino de Língua Espanhola, de Literaturas de Língua Espanhola, de Tradução e de Escrita Criativa.

E-mail: franciscozar@gmail.com

Declaração de Disponibilidade de Dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Parecer Final dos Editores

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutierrez Giraldo e Rodrigo Labriola, aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.

Recebido em: 15/01/2026

Aceito em: 03/03/2026